

des — e de injustiças, concluirá por não reconhecer outros deuses e outras infalibilidades que não sejam o Deus do céu e da Terra, e a infalibilidade (1) da Sabedoria Infinita.

Que Roma pôde errar e tem errado, dizem Victor I, no segundo século da igreja — Marcelino, no terceiro século — Gregório I e Virgílio, no sexto — Bonifácio III e Honório, no sétimo — Formoso, Estevão XI e Adriano II, no nono — João XI e João XII, no décimo — Pascoal II, no undécimo — Eugénio III, no duodécimo e, no décimo quarto, João XXII — no décimo quinto, Eugénio IV, Pio II e Alexandre VI — no décimo sexto, Xisto V — no décimo sétimo e oitavo, Clemente XIV — e no décimo nono, Pio VII.

Que Roma pôde errar e tem errado, dizem-no as heresias aprovadas por ela num dia e, no outro, condenadas — as contradições do seu ensino — os progressos da ciência, condenados e logo depois aproveitados — as influências cortesãs dominantes nos palácios dos papas — o procedimento pouco canônico de uns, para conquistarem tiara — e outras mil verdades, ainda desconhecidas da imensa maioria dos católicos, referentes á história da falibilidade dos sucessores de S. Pedro, desconhecidas até hoje, porém, que serão amanhã conhecidas e apreciadas por quantos tenham olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Felizmente, as fogueiras da Inquisição foram para sempre apagadas, não sabemos se a gosto dos infalíveis, ou se ao irresistível sopro da liberdade por elles prescrita e condenada.

E, pois que Roma pôde errar e tem errado, pôde

(1) Porque Deus é veraz e todo o homem falaz. S. Paulo aos romanos, cap. III, vers. 4.

também induzir a erros os que das suas doutrinas se alimentam.

Eis porque lhe negamos uma autoridade absoluta e inaplicável nas decisões religiosas — eis porque lhe negamos o direito de impôr uma fé cega — eis porque reivindicamos o direito de intervir diretamente nos negócios da nossa alma.

VI

O Deus dos católicos. O infinito com limites.

O absurdo.

Segundo o critério romano, quem é Deus?

Deus, em sua essência, em si mesmo, é um sêr infinitamente puro e perfeito, eterno, imenso, onipotente, causa do universo, infinitamente bom, sábio, justo e misericordioso; em suma, é o poder, a sabedoria e o amor infinitos concentrados numa individualidade indefinível.

Estamos conformes, de toda a conformidade, com o critério de Roma, quanto á essência da divina substância. Corresponde perfeitamente á idéia que pôde fazer da Divindade o limitadíssimo entendimento do homem. Despojar a Deus de qualquer daqueles atributos, seria destruir a concepção de Deus — seria estabelecer a negação como ponto de partida e base de todas as afirmações altruísticas.

E isto é perfeitamente o que faz a igreja romana dentro do seu critério religioso, na esfera das relações entre o homem e o Sêr Supremo.

religião dos papas; mas o cimento de toda a religião

O infinito limitado, o absurdo, tal o cimento da

é Deus — e o Deus de Roma é o infinito com limitações.

Pureza — perfeição — sabedoria infinitas, limitadas, no entanto, por uma impureza — por uma imperfeição, seria um erro eterno; seria o mal absoluto, seria um dos resultados da obra de Deus.

Neste caso o poder infinito para o bem seria limitado pelas conquistas do espírito maligno, pois revelam claramente a impotência divina (1) ante o poder de uma das suas criaturas.

A bondade infinita seria limitada pela criação da imensa multidão de Espíritos predestinados a eternos sofrimentos.

A misericórdia e amor infinitos teriam seu limite á porta do horrendo calabouço dos miseráveis réprobos.

A justiça infinita seria limitada pela injustiça de bárbaros e exagerados castigos — e pelas preferências caprichosas entre os Espíritos angélicos e humanos — entre estes, principalmente, pois, sendo definitiva a sua sorte depois da existência corporal, para que fôsse justo o castigo e imparcial o prêmio, seria preciso que todos sofressem iguais provas, assim como contrariedades e tentações em condições idênticas.

Se, pois, aceitamos o critério de Roma quanto á evidência divina, mui longe estamos de respeitá-lo como guia fiél e interprete infalível no que entende com as relações entre as criaturas e o Creador; mas, tão longe mesmo, que não vacilamos em considerá-la a principal causa das divisões e cismas da igreja — da indiferença religiosa — do positivismo — e do materialismo que tão audaz se ostenta em nossos dias.

O absurdo não pôde dar outro fruto que não seja

(1) Ninguém pôde entrar na casa do valente e roubar-lhe as joias, sem que primeiro prenda o valente, para depois saquear-lhe a casa. (S. Marcos, cap. III, vers. 27).

a negação. O absurdo religioso conduz, primeiro, á divisão, ao cisma, e conclue pela indiferença e pelo ateísmo.

Estamos na última fase do catolicismo romano.

VII

*Dever do homem verdadeiramente religioso.
Necessidade de uma imediata regeneração religiosa.*

No estado atual das sociedades e na altura a que tem chegado o desenvolvimento do senso comum e da razão humana, não basta dizer e assegurar que tal ou qual igreja é a única depositária do fogo sagrado, e sim faz-se preciso satisfazer, com provas concludentes, as légitimas aspirações dos que baseiam a verdade no seu terreno natural — no terreno da ciência.

O *magister dixit* já fez seu tempo, e os menos exigentes reclamam alimentos mais substanciais para saciar a fome intelectual.

E, quando em busca da razão da fé, se tropeça num diabo, que limita o poder de Deus — com um inferno que fala contra a bondade, a misericórdia e a justiça divinas — com um purgatório que pôde ser abreviado por dinheiro, etc., etc., não é possível deixar-se de exclamar: estas doutrinas são ateísticas e irracionais — e o ateu não pôde, nem poderá jámais fazer parte da verdadeira religião.

E qual é o dever do homem que crê em Deus e na immortalidade da alma, se se persuade de que a sua religião não explica as verdadeiras relações entre a creatura e o Creador — se reconhece que a mentira está de envolta com a verdade — e o transitório e mutável confundido com o eterno e essencial?

O seu dever é levantar a voz contra a impostura